



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

As utopias de Marcuse: A arte como um meio para a verdadeira liberdade política

Por: Cibele Saraiva Kunz¹
cibelekunz@gmail.com

Resumo

Para Marcuse, a arte possui a capacidade de negar o sistema de dominação vigente e, por sua vez, revelar a possibilidade de criação de outra sociedade melhor. Não obstante, essa capacidade da arte está associada a características utópicas. Mas o conceito de utopia na obra do autor oscila, assumindo um caráter positivo em determinados momentos e negativo em outros. De modo que, o caráter revolucionário da arte também oscila. A arte assume, muitas vezes, um caráter negativo frente ao existente e, portanto, um poder de fomentar revoluções, outras vezes, pela sua capacidade de proporcionar felicidade no momento presente, corrobora para a manutenção desta mesma sociedade. Esse texto faz uma reflexão acerca dos autores que influenciaram o pensamento de Marcuse acerca da utopia. Principalmente nos escritos de 1950 em diante Marcuse dialoga com dois autores contemporâneos: Karl Mannheim e Ernst Bloch. Desta forma, neste trabalho buscamos explorar as diversas interpretações que surgiram desde o surgimento do termo na obra de Thomas Morus até Mannheim e Bloch, para refletir como estas foram apropriadas por Marcuse na elaboração de seu conceito de negação da arte frente ao sistema de dominação vigente.

Palavras-chave: Utopia; Mannheim; Bloch; Marcuse; Arte.

Resumo

La celo de la ateliero priskribita en ĉi tiu artikolo estas veki intResumo

Por Marcuse, arto havas la kapablon rifuzi la sistemon de reganta dominado kaj, siavice, malakŝas la eblecon krei pli bonan socion. Tamen, ĉi tiu kapablo de arto estas asociita kun utopiaj trajtoj. Sed la koncepto de utopio en la verko de la aŭtoro oscilas, supozante pozitivan karakteron en iuj momentoj kaj negativaj en aliaj. Do la revolucia karaktero de arto ankaŭ oscilas. La arto prenas ofte negativaj antaŭ la ekzistanta karaktero kaj sekve potenco al adoptita revolucioj, foje, por ĝia kapablo alporti feliĉon en la nuna momento, ĝi apogas la bontenado de ĉi tiu sama socio. Ĉi tiu teksto reflektas pri la aŭtoroj, kiuj influis la pensadon pri utopio de Marcuse.

¹ É doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP, é Mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. É pesquisadora na Universidade de São Paulo – USP, atuando na Linha de Pesquisa sobre Filosofia. É integrante do Projeto de Pesquisa sobre Arte e utopia em Herbert Marcuse. É autora do livro “Eros, o impulso da vida: arte e sensibilidade em Marcuse” (2013).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Precipe en la skriboj de la 1950aj jaroj sur Marcuse parolas al du nuntempaj aŭtoroj: Karl Mannheim kaj Ernst Bloch. Tiel, en ĉi tiu laboro ni esplori la diversajn interpretojn kiuj ŝprucis post la apero de la termino en la laboro de Thomas Morus al Mannheim kaj Bloch pripensi kiel tiuj estis proprigis de Marcuse en la disvolvigo de lia koncepto de antaŭa arto de neo al la nuna sistemo de superregado .

Ŝlosilvortoj: Utopio; Mannheim; Bloch; Marcuse; Arto.

Para Marcuse, é impossível pensar uma revolução social que não seja também uma revolução na sensibilidade humana, uma revolução estética. Por isso, essa questão passa necessariamente pela análise da capacidade de negação da arte frente ao que existe. A arte é o meio para a verdadeira liberdade política. Mas seria essa uma afirmação utópica? Em que sentido?

Marcuse dialoga com o tema da utopia por diversas vezes em seus escritos estético-revolucionários, mas não usa o termo sempre com o mesmo significado. De fato, utopia oscila entre duas perspectivas: uma negativa e outra positiva. Na negativa, a utopia guarda o sentido original da obra de Morus, como não realizável, ilusão, não lugar; na positiva, a utopia se apresenta como uma contestação efetiva do presente e possibilidade concreta de um futuro melhor, aproximando as ideias de Marcuse das de pensadores contemporâneos, como Bloch.

A utopia, nas palavras de Marilena Chauí, “nasce como um gênero literário – é a narrativa sobre uma cidade perfeita e feliz – e um discurso político – é a exposição sobre a cidade justa” (2008, p. 7). A palavra, que em grego vem da junção de *topos* (lugar) com o prefixo *u* que caracteriza negação, portanto um *não-lugar*, surge pela primeira vez na obra de Thomas Morus (1516) como sendo o nome da cidade ideal imaginada por ele numa ilha isolada. Nesta ilha vive uma sociedade estruturada de maneira que não há propriedade privada, não há antagonismos entre a cidade e o campo, uma sociedade que cultiva a tolerância religiosa e onde o Estado é o órgão administrador da produção e o faz de forma justa. Por retratar uma sociedade totalmente oposta aos valores e normas da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sociedade da época, alguns autores, como Bloch, por exemplo, caracterizam-na como uma primeira tentativa teórica do socialismo. Nas palavras de Bloch (2006, p. 74):

Malgrado todas as impurezas, a *Utopia* é e continua sendo o primeiro retrato mais recente de sonhos de ideais democrático-comunistas. No seio de forças capitalistas apenas incipientes, antecipava-se um mundo futuro e mais que futuro: tanto o da democracia formal, que desencadeia o capitalismo, quanto o da democracia humana concreta e material que o elimina. Pela primeira vez, combinou-se a democracia em sentido humano, no sentido da *liberdade pública e tolerância*, com a economia coletiva (facilmente ameaçada pela burocracia e mesmo pelo clericalismo). Diferentemente de todos os sonhos coletivistas anteriores do estado ideal, em Thomas Morus a liberdade está inscrita no coletivo e a democracia autêntica, concreta, humana torna-se seu conteúdo. Esse conteúdo faz da *Utopia*, em seções substanciais, uma espécie de obra liberal de memória e reflexão do socialismo e comunismo.

Curiosamente, depois de Morus, todas as narrativas e propostas de cidades tidas como ideais, que se opõem à sociedade existente, passaram a ser denominadas como utópicas. Desde discursos muito anteriores à obra de Morus, como a cidade ideal da *República* de Platão, até os Falanstérios de Charles Fourier e o projeto socialista de Saint-Simon, por exemplo. Deveras, até os dias atuais, propostas de rupturas com a sociedade existente estão sempre associadas à utopia. Mesmo aquelas que não propõem o rompimento total com o modelo de sociedade vigente, como as concebidas por Fourier e Saint-Simon, já citados. Para estes e outros autores, a sociedade futura surgiria, a partir da supressão dos elementos negativos da sociedade existente (desigualdade, exploração, etc.) e do desenvolvimento de seus elementos positivos (conhecimento científico e técnico) numa direção completamente nova.

Se na obra de Morus escrita no século XVI é a figura do legislador, do governante justo, que guia a democracia direta, nas utopias imaginadas a partir do final do século XVIII e início do XIX o racionalismo e o experimentalismo



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

científico passam a integrar o discurso utópico – o progresso da ciência é o elemento decisivo dessas obras. Na cidade ideal dos séculos XVIII e XIX, as máquinas fariam todo o trabalho e aos homens sobraria tempo livre para cultivar o espírito e o corpo, as doenças estariam vencidas e a natureza domada. A utopia, por essa nova ótica, dará origem a um novo gênero literário, a ficção científica, que terá como primeiro representante no século XIX Júlio Verne.

Não obstante, o alargamento de significação do conceito de utopia no século XIX, transforma o que era meramente um jogo intelectual (a imagem de um mundo melhor, mais justo, na forma de uma ilha perdida em algum lugar do oceano - influenciada em grande parte pela euforia da descoberta de um novo continente na época de Morus) em um projeto político (como os falanstérios de Fourier, por exemplo), cuja possibilidade real de concretização se transforma em luta. Respalhada por teorias sociais e científicas, a utopia “deixa de ser obra literária para se tornar prática organizada, passando a ser encarada pelos poderes vigentes como perigo real e a ser censurada como loucura” (CHAUI, 2008, p. 12).

Assim, a utopia toma outra conotação e surge como uma possibilidade objetiva influenciada pelos ideais universalistas e pela ideia de progresso da história reverberantes da revolução burguesa. Essa nova significação trará também novos questionamentos e associações. Marx e Engels, por exemplo, para se diferenciarem de outros projetos socialistas, inauguram o socialismo científico em oposição justamente ao que consideraram como socialismo utópico². Para eles, embora o socialismo utópico se revolte contra o sofrimento dos explorados pelo capitalismo, este se dá de forma afetiva e parcial, não percebendo as

² Estes projetos não eram objetivos, portanto utópicos, na visão de Marx e Engels, que propunham no lugar o socialismo científico que avaliaria com precisão as condições efetivas de transformação social a partir da condição social concreta de mulheres e homens na sociedade. Revela uma pretensão científica, comum à época que caracterizava o conhecimento científico como verdadeiro.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

verdadeiras causas da opressão e exploração. Somente o socialismo científico é que leva ao conhecimento das causas materiais da opressão e, portanto à efetiva possibilidade de mudança radical.

Pode-se então traçar algumas interpretações distintas para o termo utopia desde seu surgimento: como negação, crítica da sociedade existente sem pretensão de realização, como possibilidade efetiva de transformação social (a partir das revoluções burguesas), e como engano, se pensado pela ótica de Marx e Engels, que eclipsaram a ideia de utopia em prol de uma revolução efetiva - e para desqualificar projetos socialistas reformistas, já que para eles esses projetos não partiam da realidade concreta dos indivíduos. Com efeito, a teoria marxista retoma o conceito original presente na obra de Morus, mas à luz das novas teorias sociais advindas da revolução burguesa.

No século XX, a utopia volta à cena em debates marxianos, principalmente em autores como Mannheim, Bloch e Marcuse. E adquire novos contornos. Mannheim fará uma extensa e detalhada explanação sobre a diferença entre utopia e ideologia e de como é tênue a linha que separa as duas, podendo facilmente a primeira, quando a utopia passa do *u-tópos* para o *tópos*, se transformar na segunda. Bloch introduzirá o termo utopia concreta e reunirá marxismo e misticismo religioso para pensar uma possibilidade concreta de utopia na Terra. E Marcuse pensará sobre ambos os aspectos, já que em suas obras ele tanto evidencia a redução da utopia à mera ideologia como também reivindica um lugar utópico para a arte como ferramenta verdadeiramente revolucionária.

O debate que Marcuse faz acerca do poder negativo da arte como ferramenta de transformação social relacionado ao tema da utopia começa já em seus escritos da década de 1930, mas se intensifica depois da década de 1950. Isto porque, segundo Kellner (1984), Marcuse assume uma postura utópica militante na década de 60, principalmente em sua obra *O fim da utopia* (1967).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

De fato, Kellner identifica nos escritos pós-1950 duas diferentes interpretações, que podem significar duas diferentes fases do pensamento de Marcuse acerca da utopia, como segue:

Em *O Homem Unidimensional*, a análise marcuseana significa o fim da utopia no sentido de Mannheim: a estabilização da sociedade industrial avançada invalida o pensamento utópico, dando fim a sua relevância para a teoria social e para a prática política. Entretanto, em meados da década de 1960, Marcuse discursa pelo fim do tabu contra o pensamento utópico, precisamente em razão de que as ideias utópicas são tão relevantes e viáveis que elas não podem ser dispensadas como ‘meramente utópicas’ no sentido etimológico pejorativo como ‘lugar-nenhum’. As forças de produção, Marcuse acredita, são utópicas por causa das capacidades técnico-materiais já desenvolvidas até o momento, que possibilitam a criação de uma sociedade sem miséria, repressão e exploração (KELLNER, 1984, p. 323, tradução própria).

Já nos anos 1970, participando de um debate, ao ser perguntado sobre o que é utópico hoje, Marcuse parece novamente estar pensando utopia em um sentido negativo, como se lê:

A palavra utopia não deve mais ser usada pelos socialistas, porque o que é dito como utópico, não é mais utópico. Um exemplo: A eliminação da pobreza e do sofrimento. Hoje a riqueza social é tão elevada que uma organização racional das forças produtivas, realmente voltada para os interesses de todos, possibilitaria a superação da pobreza no mundo em poucos anos. Além disso, a redução do tempo de trabalho, de acordo com Marx, é pré-condição para uma sociedade socialista. Ninguém nega – nem os economistas burgueses – que o tempo de trabalho socialmente necessário poderia ser reduzido de forma decisiva nos países industrializados sem diminuir o padrão cultural e material de vida. Estes exemplos fornecem índices que mostram que a caricatura propagandística do socialismo como uma utopia é, na verdade, nada mais do que a sua difamação (MARCUSE, In: Habermas J. e Bovenschen S., 1978a, p. 98, tradução própria).

De fato, o debate acerca da utopia para Marcuse, desde seus escritos anteriores à década de 50, sempre esteve ligado à questão da estética. Marcuse foi um profundo conhecedor dos movimentos de vanguarda e um estudioso



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

exímio destes movimentos. Por meio da análise da obra de grandes artistas, Marcuse apresenta as qualidades potencialmente revolucionárias da arte, que estão associadas a uma capacidade utópica ora no sentido positivo, ora no sentido negativo. A utopia em sua forma positiva ou negativa está intimamente ligada ao poder de negação da arte frente à realidade existente, em especial, frente ao fascismo; a arte é a negação positiva do fascismo. Ainda assim, não há muita preocupação do autor em desembaraçar o conceito de utopia, algo que irá definitivamente mudar, principalmente nas obras escritas a partir do final da década de 1950 até sua morte em 1979.

Nestes escritos, Marcuse dialoga com os conceitos desenvolvidos por Mannheim e Bloch sobre utopia. Kellner sugere que, em *O Homem Unidimensional* o filósofo utiliza o termo utopia no sentido de Mannheim, já nos seus escritos posteriores como *Ensaio para Libertação* e *O Fim da Utopia*, Marcuse assume uma postura mais militante sobre o tema, aproximando-se da ideia de utopia concreta de Bloch (Kellner. In: MARCUSE, 2014, p. 42-44). Estes autores foram contemporâneos de Marcuse e, assim como ele, foram influenciados pelo marxismo.

Bloch e Marcuse buscaram pensar o socialismo para além do socialismo de Marx. Para Marcuse, por exemplo, Marx se manteve demasiadamente ligado à noção de continuidade do progresso e sua ideia de socialismo não representaria mais o estágio atual de desenvolvimento das forças produtivas. Uma nova sociedade não pode ser pensada como um prolongamento da velha. Por isso, elabora Marcuse a formação de outra sociedade baseada no estético, que se forme não na cisão entre o mundo da necessidade e o mundo da liberdade, em que a alienação do trabalho ainda prevalece, mas para além desta cisão, em que a liberdade possa se dar no âmbito das relações de trabalho. Já Bloch buscou partir de uma revalorização da problemática ontológica em Marx, para elaborar uma ontologia da utopia (*ser-ainda-não*) no marxismo. Segundo Münster, a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ontologia do *ser-ainda-não* desenvolvida por ele em *Princípio Esperança* (mas que já se apresenta de forma embrionária em *Espírito da Utopia*), assume “a forma de uma construção sistemática que questiona criticamente toda a história cultural do Ocidente e que reconstrói a história secreta da força das manifestações utópicas na história” (MÜNSTER, 1997, p.16). Bloch desenvolve uma temática do ser como um modo de possibilidade em direção ao futuro, “divergindo, pois, de Heidegger e de Sartre, que veem o ser apenas em sua relação com a atualidade do sujeito no tempo, atualidade puramente existencial, envolta em medo, pena e cuidado” (MÜNSTER, 1997, p. 16). Desta forma, ressalta Münster:

O materialismo dialético atinge o seu maior distanciamento em relação ao marxismo vulgar e em relação à tendência stalinista, pois elabora uma tendência contrária, apoiada nos aspectos da ontologia e da utopia no marxismo, que lhe permite assumir uma nova figura, ‘marchando para novos e grandes horizontes’³ (MÜNSTER, 1997, p. 17).

Assim, a ontologia surge ligada à utopia que se evidencia na ideia de *ser-ainda-não*, em que o “*não*” assume um caráter indeterminado e representa uma força ôntica de potencia avassaladora. O *ser-ainda-não* é a negação dialético-utópica capaz de impulsionar mulheres e homens para frente.

Mannheim escreve o livro que analisaremos aqui sob forte influência marxista, embora, ele abandone o marxismo em seguida. Na tentativa de alicerçar academicamente a sociologia do conhecimento e na esteira de uma crítica ao racionalismo e positivismo, bem como ao totalitarismo político (o nazismo tinha chegado ao poder), Mannheim escreve *Ideologia e Utopia* em que trata a questão da apreensão do conhecimento como vinculado à posição dos indivíduos nas classes sociais. Ou seja, todo conhecimento está vinculado à classe social a qual pertence o sujeito do conhecimento. A partir de um ponto de vista relativista-

³ Citação de M. Bense. Ernst Bloch Prosa und die neue Seinesthematik. In: Schmidt, B. (org.) Materialien zu Ernst Blochs “Prinzip Hoffnung”. Frankfurt: Suhrkamp, 1978, p. 77.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

historicista Mannheim procura reconstituir a conexão existente entre os grupos sociais (classe dominante, trabalhadores, etc.) e as ideias que os movem. Há os grupos se movem pela manutenção de um *status quo* (ideólogos) e os que se movem pela transformação deste mesmo *status quo* (utópicos).

Seguimos agora para uma análise mais detalhada do conceito de utopia trabalhado por Mannheim e Bloch.

A Utopia por Karl Mannheim

Karl Mannheim buscando desenvolver a “sociologia do conhecimento” como uma disciplina acadêmica, como já mencionado, atribuirá uma conotação sociológica para o conceito de utopia. Seu livro, *Ideologia e Utopia* é uma tentativa de descortinar os verdadeiros grupos de interesse na sociedade e as ideias que eles defendem. Para Mannheim, as ideologias e utopias são formas que desviam o pensamento do objeto da observação, as ideologias estão presas ao passado e as utopias ao futuro, portanto a realidade em sua totalidade nunca é realmente apreendida pelos indivíduos. Para o autor, o pensamento é um instrumento de ação coletiva. Isto é, o indivíduo não articula suas ideias e emoções por si mesmo, mas sofre influência do mundo ao redor, caberia, portanto a sociologia do conhecimento identificar estas influências. Não obstante, as ideias circulantes dentro da sociedade estariam também sugestionando toda a forma de produção do conhecimento, o que é relevante ou não, segundo interesses e propósitos de determinados grupos sociais.

Talvez precisamente quando se tornem visíveis a dependência oculta do pensamento à existência do grupo e seu enraizamento na ação, é que seja realmente possível, pela primeira vez, obter-se um novo modo de controle sobre fatores do pensamento anteriormente incontrolados (MANNHEIM, 1986, p.32-33).

Para Mannheim as discussões políticas nas democracias modernas estão mais claramente representadas (por determinados grupos sociais) e, portanto, a



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

determinação social do pensamento também está mais claramente identificável. Desse modo, ele enfatiza dois conceitos fundamentais para se entender as representações políticas que moldam uma visão de mundo unitária, são eles: a ideologia e a utopia.

A ideologia se caracteriza pela tendência dos grupos dominantes em estabilizar uma determinada situação que lhes é favorável, sem serem capazes de se dar conta das demais tendências que por ventura podem abalar a sua dominação. “Está implícita na palavra ‘ideologia’ a noção de que, em certas situações, o inconsciente coletivo de certos grupos obscurece a condição real da sociedade, tanto para si como para os demais, estabilizando-a portanto” (MANNHEIM, 1986, p. 66). Já a utopia, ou o pensar utópico reflete justamente a tendência oposta, em que “certos grupos oprimidos estão intelectualmente tão firmemente interessados na destruição e na transformação de uma dada condição da sociedade que, mesmo involuntariamente, somente veem na situação os elementos que tendem a negá-la” (MANNHEIM, 1986, p. 67). E acrescenta que o pensamento utópico

(...) não é capaz de diagnosticar corretamente uma situação existente da sociedade. Eles não estão absolutamente preocupados com o que realmente existe; antes, em seu pensamento, buscam logo mudar a situação existente. Seu pensamento nunca é diagnóstico da situação; somente pode ser usado como orientação para a ação. Na mentalidade utópica, o inconsciente coletivo, guiado pela representação tendencial e pelo desejo de ação, oculta determinados aspectos da realidade. Volta as costas a tudo o que pudesse abalar sua crença ou paralisar seu desejo de mudar as coisas (MANNHEIM, 1986, p. 67).

Com isso, nos indica Mannheim, que as ideologias e as utopias são ideias defendidas por determinados grupos sociais que não correspondem verdadeiramente com a realidade objetiva. Ainda assim, isto não é para Mannheim necessariamente uma interpretação desvalorativa destes conceitos. Explico, o senso comum costuma associar a palavra ideologia a algo depreciativo,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

todavia ela passa a ter conotação pejorativa depois que Napoleão assim declara de forma desdenhosa os ideólogos do grupo de Destutt de Tracy, por considerar que faziam oposição ao seu governo - o que de fato faziam. Porém, estes ideólogos assim se apelidavam porque se dedicavam a estudar a origem e a formação das ideias (ideia + logos) a partir da observação do indivíduo e sua interação com a sociedade, numa perspectiva antropológica e psicológica ao invés de metafísica, daí o termo ideologia, desenvolvido por eles. Além disso Marx - salva as devidas mudanças de conteúdo - mantém o mesmo critério político ao utilizar o termo ideologia como forma de desacreditar o pensamento burguês. Ao lançar a ideologia ao plano da falsa consciência Marx sentencia de uma vez por todas a ideologia ao campo depreciativo.

O pensamento marxista atribuía à prática política, juntamente com a interpretação econômica dos acontecimentos uma significação tão decisiva que estas duas se tornaram os critérios definitivos para separar o que não passasse de ideologia dos elementos do pensamento mais relevantes para a realidade. Em consequência, não é de admirar que a concepção de ideologia seja geralmente encarada como integrando, e até identificada com, o movimento proletário marxista (MANNHEIM, 1986, p. 100-101).

Assim, o conceito de ideologia que prevalece ainda hoje é o que caracteriza normas e modos de pensamento que, ao invés de revelar, ocultam o real significado da ação com vistas à manutenção de um *status quo*. Desta forma, os grupos dominantes da sociedade são ideológicos, pois se empenham em mascarar toda possibilidade de mudança que por ventura surge. Contudo, Mannheim salienta que atualmente o apelido ideológico serve não somente para desvalorizar grupos reacionários, mas também para desvalorizar qualquer ideia, dentre a multiplicidade de grupos e convicções existentes, que se manifeste de maneira contrária a outro grupo. Ou seja, a ideologia é usada por grupos de diferentes opiniões, todos eles requisitando validade absoluta, embora nitidamente relacionados a pontos de vistas particulares, como arma contra os demais. Com



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

efeito, Mannheim considera os modos de pensar ideológico e utópico como formas deformadas de olhar para a realidade, uma por estar presa ao passado e outra por já se encontrar no futuro. Procurar a realidade, para ele, é buscar escapar destas deformações.

Portanto, um estudioso da cultura precisaria estar ciente dos modos de pensamento a que ele mesmo está sujeito. Não podemos esquecer que Mannheim faz estas declarações na tentativa de alicerçar a sociologia do conhecimento. Desta forma, ele salienta que uma boa herança deixada pelo marxismo foi a compreensão de que o pensamento coletivo está associado aos interesses e situações sociais existentes, ainda que o tivesse feito na tentativa de desmoralizar o pensamento burguês. Assim, ele esclarece que:

O conceito de 'ideologia' está sendo aqui utilizado não como um juízo de valor negativo, no sentido de que insinue uma mentira política consciente, mas com o intuito de designar o ponto de vista inevitavelmente associado a uma dada situação histórica e social, bem como à *Weltanschauung* e ao estilo de pensamento vinculados a esta situação (MANNHEIM, 1986, p. 150).

A posição que um indivíduo ocupa na sociedade constrói a maneira como o indivíduo encara a história, e ter consciência dessa relação é o caminho para a compreensão política. E, para Mannheim, se deve ao marxismo - embora sendo uma postura parcial - essa definição de construção do pensamento vinculado ao social em oposição à pura teoria das ideias. Mas, se a posição de um indivíduo na sociedade serve para criar ideologias, também serve para criar utopias. Ambas são categorias de pensamento e ação que transcendem a realidade, pois não mostram a realidade mesma, mas que estão, ainda assim, em conexão direta com a realidade do grupo ao qual pertencem. As ideologias transcendem, mas em um movimento de conservação de um estado de coisas, já as utopias transcendem em um movimento de transformação de um estado de coisas.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Com relação ao pensamento utópico, Mannheim salienta que ele é fruto do desenvolvimento de uma ordem existente e funciona como uma relação dialética, em que as utopias servem para mostrar “as tendências não realizadas que representam as necessidades de tal época” (Mannheim, 1986, p. 223). Essas utopias rompem com os laços da ordem existente fazendo-as evoluir em direção à próxima ordem de existência. Todavia, o que muitas vezes acontece é que as utopias quando realizadas (por exemplo: queda do feudalismo e ascensão da burguesia) acabam por justificar e manter a própria ordem, se transformando em ideologias. Transformadas em ideologias, estas lançam as utopias, da onde elas mesmas surgiram, para o campo da fantasia (do não realizável). Isto acontece porque, quanto mais uma determinada classe adquire o domínio sobre as condições de existência, tanto mais ela tende ao conservadorismo, e isso significa uma renúncia aos elementos utópicos que a fizeram se mobilizar primeiramente.

Ao que tudo indica, constitui lei geralmente válida da estrutura do desenvolvimento intelectual o fato de que, na ocasião em que novos grupos penetram em uma situação já estabelecida, eles não adotem de imediato as ideologias já elaboradas, mas, antes, adaptem as suas ideias tradicionais a nova situação (MANNHEIM, 1986, p. 272).

Com isso, se percebe que, por mais que Mannheim mantenha uma postura positiva frente às ideias utópicas - e deixe claro de que elas são necessárias para impulsionar as mudanças sociais - sua posição em relação às consequências de uma conquista da utopia, é negativa, no sentido de que as utopias, quando realizadas, não possuem ideais suficientemente fortes para escapar dos vícios sociais - aos quais estamos todos sujeitos - das ideologias dominantes.

Todavia, a análise de Mannheim só pode ser empregada ao se pensar projetos utópicos passados, já experimentados, como é o caso dos ideais burgueses à época da Revolução Francesa, que se mostraram totalmente fracassados. Visto que seu diagnóstico é histórico, não pode, portanto, ser



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aplicado a projetos utópicos ainda não realizados. Marcuse, em *O fim da Utopia* faz uma crítica a esta concepção de Mannheim, considerando-a conservadora, pois acredita que todas as ideias utópicas são passíveis de se transformar em ideologias, não mudando em nada a estrutura da sociedade. O fim da utopia, que dá título ao livro, se refere exatamente ao fim da ideia de utopia de Mannheim.

A visão de Ernst Bloch

Ernst Bloch começou a delinear seu pensamento sobre utopia na obra *O Espírito da Utopia*, trabalho em que ele se dedicou a dar continuidade à análise marxiana das contradições econômicas trazendo a tona o debate sobre as utopias. Nesta obra, Bloch consegue em um *pot-pourri* quase inimaginável e de extrema erudição combinar perspectivas mística (de sua herança judaica), racionalista (do idealismo alemão) e materialista dialética (do marxismo) para tratar da utopia. Para ele, não havia problemas em misturar marxismo e religião, ao contrário, acreditava ser importante para a conquista da utopia, pois era preciso repensar o mundo em direção à alma, “marxismo e religião unidos na vontade de chegar ao Reino” (BLOCH, 2000, P. 278). Com efeito, Bloch traçou um caminho para “Deus-Reino-Utopia”⁴, pela via do *auto-encontro*⁵. Isto significa que é preciso olhar para dentro de si mesmo, para a partir do interior fazer surgir um *auto-desvelamento* com destino a uma real compreensão de si mesmo enquanto existência. Para atingir “Deus-Reino-Utopia” é preciso haver um *auto-desvelamento*. Para Bloch, está nas mulheres e homens do próprio mundo a salvação humana. Assim, a revolução tem seu lugar essencialmente no sujeito

⁴ Em *O Espírito da Utopia* estes três conceitos se entrelaçam de tal forma que, não arriscaria dizer que são sinônimos, mas definitivamente é preciso ter em mente os três conceitos mesmo quando estivermos tratando de apenas um.

⁵ Todas as palavras em itálico ao longo do texto são expressões retiradas das obras de Bloch.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

humano, é ele que irá *sonhar acordado*⁶ e fazer brotar o utópico como uma saída para as limitações da vida material.

Conseqüentemente, o brilho interno conquistado para nós alhures certamente pode não cintilar apenas de cima, mas deve, sim, perpassar toda a vida intermediária. Deste lugar de autoencontro, para tornar-se uma para todos, conseqüentemente, e inevitavelmente, surge a arena de liderança política e social: rumo à real liberdade pessoal, rumo à real afiliação religiosa. Atinge-se aqui um segundo ponto, onde a ‘alma’, a ‘intuição do nós’, o conteúdo de sua ‘Magna Carta’, emana responsabilmente no mundo. Ser prático dessa forma, ajudar dessa maneira no horizonte estrutural da vida cotidiana e colocar as coisas no lugar, ser assim político e social, consiste em algo muito próximo da consciência, e é uma missão revolucionária absolutamente inscrita na utopia (BLOCH, 2000, p. 236-237, tradução própria).

Essa passagem do *Espírito da Utopia* revela a singularidade de suas ideias. O impulso utópico (brilho interior), responsável por fomentar as revoluções, nos chega pela via do *auto-encontro*. Este encontrar-se a si mesmo conduz o ser em um movimento emancipatório para a liberdade. Em *O Espírito da Utopia*, segundo Münster:

(...) aparece uma nova definição do conceito de utopia em duas linhas de representação: na de escatologia das utopias religiosas voltadas à expectativa apocalíptica do final dos tempos e na de realização progressiva da utopia marxiana da sociedade sem classes, que aposta na transformação da vida capitalista alienada em autodeterminação humana real, em autorealização e em emancipação social individual (MÜNSTER, 1997, p. 15).

Com efeito, neste texto, Bloch empenha-se em fazer uma síntese entre o socialismo de Marx e o misticismo religioso na tentativa de mostrar a utopia possível que ultrapassa o estado capitalista. Para ele, o estado capitalista é; “um trecho relativamente estático, da história econômica, ocasionalmente militar, basicamente administrativa”. “É um estado de lógica instrumental, é a lógica de um estado de emergência” (BLOCH, 2000, p. 240, tradução própria). O autor

⁶ Falarei mais adiante sobre isso.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

salienta que filósofos e proletários precisam formar aliança para a conquista dessa utopia: a “filosofia não pode ser realizada sem a libertação do proletariado; o proletariado não pode libertar a si mesmo sem uma realização filosófica” (BLOCH, 2000, p. 240, tradução própria). Deste modo, ele afirma que:

(...) o triunfo do modo de produção socialista deve trazer consigo certas consequências morais e culturais (...) e uma certa sensibilidade que não pode ser definida como livre pensamento ou ateísmo banal em concordância com os ideais do socialismo cultural filisteu que se assumiu a partir da burguesia (BLOCH, 2000, p. 243, tradução própria).

O *Espírito da Utopia* expõe uma ideia inicial de utopia que será mais largamente trabalhada e ampliada em *Princípio Esperança*. Nesta obra, Bloch desdobra a utopia em um processo de *vir-a-ser* do novo e como uma ontologia do *ser-ainda-não* (em oposição ao *Dasein* Heideggeriano). Para ele, a possibilidade de futuro tem como princípio a utopia. As mulheres e homens do presente ainda não são o que poderiam ser, entretanto “o que se poderia ser” aparece no ser psíquico de homens e mulheres na forma de imagens utópicas. Essas imagens utópicas são a manifestação de uma consciência antecipadora. É como se as mulheres e os homens de hoje fossem os seres-em-potência das mulheres e homens do amanhã, pois possuem a capacidade de imaginar um futuro melhor. Todavia, esse futuro é um futuro *ainda-não-consciente*, mas que se mostra por meio das imagens utópicas como consciência de algo que está por vir. Não obstante, especifica o filósofo que, as imagens utópicas, essa visão do futuro nos chega por intermédio dos *sonhos diurnos* (*Tagtraum*).

Para definir os *sonhos diurnos* Bloch dialoga com a psicanálise freudiana, que interpreta os sonhos diurnos como meras formas incipientes dos sonhos noturnos, como prelúdios dos sonhos noturnos. Para Bloch, ao contrário, embora os sonhos diurnos tal como os sonhos noturnos estejam diretamente relacionados à realização de desejos, os primeiros são voltados para o futuro,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

enquanto que os últimos são voltados para o passado. O *ainda-não-consciente* manifestado nos sonhos diurnos, embora seja da ordem do pré-consciente tanto quanto o inconsciente freudiano, não é todavia, manifestação de desejos reprimidos ao longo do dia ou dos anos, ao contrário, é um desejo com a tendência para a realização. Além do mais, é um pré-consciente consciente, pois está ligado a uma consciência que ainda não se manifestou de forma clara, mas que está surgindo a partir do futuro. Não existe ainda, ressalta Bloch, uma psicologia do *ainda-não-consciente*, que dê conta desta pré-consciência que não está subordinada à consciência atual, mas a uma consciência futura.

Os *sonhos diurnos* são um *sonhar-para-a-frente*, dessa forma o desejo no *sonho acordado* não é reprimido pelo ego como no sonho noturno, não é um desejo inconsciente como no sonho noturno, mas totalmente consciente. “O portador dos *sonhos diurnos* está pleno da vontade consciente que permanece consciente para uma vida melhor, ainda que em graus diferenciados, e o herói dos *sonhos diurnos* é sempre a própria pessoa adulta” (BLOCH, 2005, p. 92). Assim, o *eu* do *sonho diurno*, ao contrário do noturno, não exerce censura sobre os conteúdos de seu desejo.

Sonhos diurnos, portanto, não dispõem de qualquer tipo de censura imposta por um ego moral, como acontece com o sonho noturno. Ao contrário: o seu ego utopicamente sobreexaltado edifica a si mesmo e seu castelo no ar num azul muitas vezes surpreendentemente leve (BLOCH, 2005, p. 92).

A característica fundamental do *sonhar acordado*⁷ blochiano, é a capacidade que esse tipo de sonho tem de se ampliar a ponto de representar os outros. “Quem dorme está sozinho com seus tesouros, mas o ego de quem devaneia pode se reportar aos demais. Assim, se o eu abandona a introversão ou o relacionamento tão-só com o entorno mais imediato, o seu sonho diurno visa à

⁷ Os conceitos de *sonhar acordado*, *sonhar-para-a-frente* e *sonho diurno* são usados de maneira sinônima na obra blochiana.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

melhoria pública” (BLOCH, 2005, p. 93). Há no sonho desperto a necessidade de se comunicar com o outro, é compreensível ao outro, justamente por compreender ideais comuns a todos, os ideais de um futuro de liberdade, sem alienação. “Nos sonhos diurnos, os ideais assumem forma exterior imediatamente, num planejado mundo melhor, ou ainda, num mundo esteticamente elevado, sem desilusão” (BLOCH, 2005, p. 95). O ego blochiano é um “eu sou” que sente necessidade de exteriorizar-se e tornar-se um “nós” para conhecer a si mesmo, é um ego que se liberta da individualidade solitária e alienada do mundo burguês e transforma-se em um sujeito coletivo de uma humanidade emancipada.

Desse modo, a arte, para Bloch também é de natureza utópica, uma vez que na arte se revelam possibilidades de algo que o senso comum ainda não consegue ver. Na grande arte as experiências humanas são levadas até o fim e a fantasia de um mundo melhor se faz presente colocando a mostra a possibilidade do novo. Na grande arte o mundo melhor e mais bonito torna-se visível não “para tudo dourar levemente e sim para ter dentro de si também a privação, que com certeza não será superada apenas pela arte, mas não será esquecida por ela, sendo envolvida pela alegria como uma forma vindoura” (BLOCH, 2005, p. 96). A arte não é pura contemplação formal descompromissada, ao contrário, a grande arte é provocativa, tocante e “uma porta cotidiana para o belo” (BLOCH, 2005, p. 99), e para o futuro, como se lê:

(...) toda grande obra de arte, para além da sua essência manifesta, ainda foi concebida sobre uma *latência do aspecto vindouro* – vale dizer: sobre os conteúdos de um futuro que no seu tempo ainda não haviam surgido. Em última análise, sobre os conteúdos de uma situação final ainda desconhecida. Essa é a única razão porque as grandes obras de cada período tem algo a dizer, e de fato algo novo, que o período anterior ainda não havia percebido (BLOCH, 2005, p.99-100).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Por meio da arte se vislumbra o futuro. E o grau de genialidade de uma obra se observa justamente pela capacidade dessa obra de explicitar o *ainda-não-consciente* no mundo. A genialidade enxerga para além do horizonte dado, e quanto maior o gênio, maior é a capacidade de mostrar na obra o que está para além do que já foi projetado até o momento. Isto vale também para o gênio científico. “Apenas como fenômeno do *novum* se pode compreender a maestria na obra do gênio, que é estranha à realidade existente, mergulhada na rotina” (BLOCH, 2005, p. 127). É por essa razão que as grandes obras têm algo a dizer a todas as épocas, mais exatamente um algo de novo que a época anterior ainda não havia notado. Pois na arte se experimenta, como em um laboratório, possibilidades efetivas de uma realidade que ainda está por vir, na aparência artística, que não é mera aparência, mas pré-aparência do real, se desembaraça na forma de imagens a utopia concreta.

Assim, a grande arte, a ciência e as utopias sociais – frutos que são dos sonhos diurnos - compartilham da mesma fantasia, da mesma capacidade imaginativa: a de um futuro melhor. Na dimensão destas três instâncias o que impera é a função utópica e sua capacidade de antecipar a construção de uma sociedade liberta. Pode-se dizer que, o sonho diurno é estágio embrionário da revolução, é premonição ou predisposição, que brota de dentro para se transformar em vontade estética que almeja se concretizar. Nas palavras de Bloch; “é antes de tudo o interesse revolucionário, com seu conhecimento de como está ruim o mundo e seu reconhecimento do quanto ele poderia ser bom como um outro mundo, que necessita do sonho desperto, da melhoria do mundo” (BLOCH, 2005, p. 97). O princípio utópico, para Bloch, é a esperança; e o marxismo é a esperança blochiana de realizar concretamente a utopia no mundo:

Este é e continuará sendo o caminho do socialismo, a práxis da utopia concreta. Todo o não-ilusório e o realmente possível nas imagens da esperança remontam a Marx e trabalham – conquanto seja variado em cada caso, racionado de acordo com a situação – na



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

transformação socialista do mundo. (...) Nos sonhos de uma vida melhor sempre residiu o anseio de felicidade, que só pode ser inaugurado pelo marxismo (BLOCH, 2005, p. 27).

Bloch intenta elaborar um novo marxismo, reivindica-o como uma prática humanista, apoiado muito mais na renovação da utopia socialista do que na análise crítica da economia política de Marx. Isto não significa que Bloch seja mais próximo do socialismo de Saint Simon e Charles Fourier, mas sim que Bloch reconhece em Marx a presença de um espírito humanitário: “Marx cultiva, em vez de um espírito humanitário geral e abstrato, um com endereço certo, um que está voltado para os únicos que necessitam dele” (BLOCH, 2006a, p. 443). Desta forma, o marxismo é a luta contra a desumanização que atinge seu ápice no capitalismo e que tem como “marco zero da alienação extrema”⁸ o proletariado.

Bloch deposita a esperança de um futuro melhor no marxismo - e o futuro para ele é sempre positivo. No capitalismo - e em todas as outras épocas anteriores - os indivíduos se encontram na *escuridão do momento vivido*, pois estão presos às agruras de uma vida sem liberdade e sem felicidade. O marxismo apresenta-se por consequência como a compreensão acalentadora do mundo, uma vez que se arrisca diante da ideia de uma instrução para agir ao contrário de filosofias pré-marxianas em que predominava a mera compreensão contemplativa de ideais utópicas abstratas e irrealizáveis. Para o filósofo, a humanidade se encontra ainda na sua pré-história, pois “tudo se encontra numa condição anterior à criação do mundo como um mundo apropriado” (BLOCH, 2006a, p. 462), consequentemente:

Só o marxismo é o detetive tanto quanto o libertador, a solução teórica tanto quanto a solução prática para a mais renitente de todas as contradições. E o marxismo foi o único que promoveu a teoria-práxis de um mundo melhor, não para esquecer o mundo presente, como era comum na maioria das utopias sociais

⁸ Expressão de Bloch, 2006a, p. 444.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

abstratas, mas para transformá-lo em termos dialético-econômicos (BLOCH, 2006a, p. 456).

Para Bloch, o marxismo conseguiu conferir à fantasia utópica o seu correlato concreto pois, está “situado fora de um mero fermentar, de uma mera efervescência no círculo interior da consciência” (BLOCH, 2005, p. 195). O marxismo traz a tona, como na grande arte, os ideais de liberdade comuns a todos, e escancara no seio da sociedade capitalista as contradições inerentes a ela. O marxismo enquanto doutrina do *ser-em-possibilidade*, é a doutrina que efetivamente pode vir a se concretiza, pois é a teoria-práxis do mundo que se desenvolve em direção a “não-mais-alienação de seus sujeitos-objetos, portanto em direção à liberdade” (BLOCH, 2005, p. 208). Bloch desenvolve uma concepção muito particular de utopia, para compreendê-la é preciso abandonar referências anteriores, como descreve Münster, a utopia blochiana é:

Uma renovação incontestável do pensamento utópico na era da modernidade, cujo traço significativo é o abandono da referência obrigatória às utopias tradicionais, aos modelos imaginários de uma organização do Estado e de uma sociedade idealizada que, da Utopia de Thomas Morus até as Phalanstères de Charles Fourier, jamais estão completamente imunizadas contra o perigo da instauração de uma nova ordem social e política repressiva e totalitária (MÜNSTER, 1993, p. 18-19).

Bloch ao longo de toda sua vida nunca se afastou de seu conceito de utopia concreta, ao contrário de Marcuse que no decorrer de sua vida mudou de ideia algumas vezes, se aproximando na década de 1970 desse conceito blochiano. Segundo Kellner, nesse período, Marcuse chega a utilizar o termo utopia concreta de Bloch em dois artigos, *Theory and Praxis* (1975) e *Protosocialism and Late Capitalism: Toward a Theoretical Synthesis based on Bahro's analysis* (1979) (Kellner, In: MARCUSE, 2014, p. 44). Além disso, Bloch escreve um artigo direcionado a Marcuse intitulado *Diskussion mit Herbert*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Marcuse (1969), o qual Marcuse responde com outro artigo chamado *Revolutionary Subject and Self-government*⁹.

Referências

- BLOCH, E. ***The Spirit of Utopia***. California: *Stanford University Press*, 2000.
- _____. **Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, V. I.
- _____. **Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, V. II.
- _____. **Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, V. III.
- CHAUÍ, M. **Notas sobre Utopia. Ciência e Cultura**. São Paulo, v.60, n. spe 1, p. 7-12, julho 2008. Endereço eletrônico: cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-6725200800050003&script=sci_arttext (acessado em 24 de setembro de 2016).
- MARCUSE, H. *A Dimensão Estética*. Trad. Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 1999a.
- _____. ***Eros e Civilização. Uma Interpretação Filosófica do pensamento de Freud***. São Paulo: Guanabara, 1982
- _____. ***Marxism, Revolution and Utopia***. Collected Papers v.6. Edited by Douglas Kellner. New York City: Routledge, 2014.
- _____. **O fim da Utopia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- _____. “*The Realm of Freedom and the Realm of Necessity*” In ***Praxis: A Philosophical Journal*** (Zagreb) 5 (1969), p. 326-329. Acessível pelo site: [Marcuse.org](http://www.marcuse.org)
<http://www.marcuse.org/herbert/pubs/60spubs/69praxis/69praxis.htm#20> (acessado em 5 de outubro de 2016)
- MANNHEIM, Karl. ***Ideologia e Utopia***. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MÜNSTER, A. ***Ernst Bloch. Filosofia da práxis e utopia concreta***. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. ***Utopia, Messianismo e Apocalipse nas primeiras obras de Ernst Bloch***. São Paulo: UNESP, 1997.

⁹ Esses textos são encontrados em: Marcuse, H. *The Realm of Freedom and the Realm of necessity*. *Praxis: A Philosophical Journal* (Zagreb) 5 (1969), p. 326-329. Acessível pelo site: [Marcuse.org](http://www.marcuse.org)